

A lição de grandeza dos abnegados

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia



Quando o cerimonial começou a anunciar os nomes dos homenageados com a Comenda do Mérito Farmacêutico, foi como se uma fita de filme trouxesse-me, de volta, em minutos, um pouco da vida e da obra desses homens e mulheres tão especiais. Quanta riqueza acumularam em favor da humanidade! Riquezas intelectual e de conhecimentos, diga-se. Conheço-os todos, o que, para mim, é algo de especial privilégio. De sorte que homenageá-los é o mínimo que o Conselho Federal de Farmácia deve fazer. Reconhecer a grandeza dos que agem em favor do bem comum, é crescer com eles. É também uma maneira de não deixarmos que caía na ridícula vala comum do esquecimento a obra de pessoas tão valorosas. Não podemos repetir a conduta deste País desmemoriado, que não aprendeu a valorizar os seus grandes homens. Esquece-os, como se o desapareço à memória fosse uma virtude. Conosco, não.

Esses senhores e senhoras homenageados pelo CFF, em sua quase totalidade formada de farmacêuticos, transformaram a Farmácia do nosso País, com a suas contribuições, imprimindo as suas marcas na história das ciências farmacêuticas, para sempre. A Comenda do Mérito Farmacêutico que receberam foi instituída pelo Conselho Federal, através da Resolução 323, de 16 de janeiro de 1998. A Resolução é clara, ao justificar a sua criação, dizendo que o objetivo da homenagem é “distinguir farmacêuticos e autoridades, pelos relevantes serviços prestados à profissão farmacêutica”. A Comenda é constituída de uma medalha e de um diploma.

As pessoas que a recebem tem os seus nomes indicados e aprovados pelo Plenário do CFF, órgão máximo e supremo do Conselho, integrado por representantes de todos os Estados, escolhidos pelo voto direto dos farmacêuticos. Portanto, é uma escolha democrática e consubstanciada na verdade.

Muito atributos marcam a vida dos nossos homenageados, mas eu gostaria de salientar a abnegação com que devotaram a sua vida pela hu-

manidade e a coragem com que se entregaram, de peito aberto, à causa que abraçaram. São causas, diga-se de passagem, de toda a sociedade. Na solidão das exaustivas e perseverantes pesquisas para a criação de um fármaco novo, no silêncio mecânico dos microscópios dos laboratórios das análises clínicas, na parafernália tecnológica das indústrias de medicamento, alimento, cosméticos, saneantes etc., nas cansativas salas-de-aula, no momento corajoso de tomar uma decisão política. Enfim, onde quer que esteja atuando, não é em si propriamente que o farmacêutico pensa. É na humanidade. Para o farmacêutico, importa deixar um fruto seu plantado no terreno, muitas vezes, árido, da saúde. É o que lhe importa: o benefício de entregar-se à sociedade.

É, aí, que o farmacêutico, políticos e outros que fazem muito pela Farmácia provam que sempre é possível transcender o lugar comum, quase sempre viciado, farto em mesquinhas, improdutivo, para encontrar o ponto certo para a observação da vida, pois é a vida que os atrai. Este ponto não é o topo de uma montanha na distante Himalaia, nem a torre do *Empire States Building*, muito menos o cume da *Eifel*. Não é preciso ir tão longe. O melhor ponto de observação da vida está dentro de cada um: o coração.

Lembro-me, aqui, de uma bela música cuja letra diz assim: “Fica sempre/ Um pouco de perfume/ Nas mãos que oferecem rosas/ Nas mãos que sabem ser generosas”. Esses homens levaram, para sempre, o suave perfume de rosas em suas mãos, que só as narinas do espírito poderão sentir-lhes o aroma.

Esses homens e mulheres tão especiais, que fizeram e continuam fazendo pela Farmácia brasileira, do alto do seu ponto de observação da vida, e os jovens acadêmicos de Farmácia, bem como os que estão lançando-se, agora, na profissão, com a sua saudável inquietação e sangue novo, é que dão a certeza de que a profissão farmacêutica sempre valerá a pena.